



série viridae . número 03 . dezembro de 2021

SAINTE-BEUVE E BAUDELAIRE¹

Auguste Viatte

POR QUE FALAR DELES CONJUNTAMENTE: EM QUE SENTIDO PODEMOS CONSIDERÁ-LOS CATÓLICOS

Um sintoma curioso e talvez inquietante da evolução das ideias contemporâneas é o favor com que certos católicos aceitam os nomes outrora malditos de Sainte-Beuve e de Baudelaire. Depois de considerá-los, quando vivos, como inimigos, foram se aproximando deles pouco a pouco, à medida que os documentos permitiam um estudo mais completo, e toda uma escola os reivindica no momento — pelo menos o segundo — como representantes autênticos da grande poesia cristã. Além de a atitude incrédula do crítico de *Causeries du lundi*² ter feito esquecerem o que havia de misticamente mórbido em seus livros ficcionais, ele se beneficiou também um pouco da voga usufruída pelo autor de *Fleurs du Mal*. Sem que se tenha talvez observado a semelhança que existe entre esses dois espíritos, ambos são recuperados. Ao mesmo tempo em que M. Gonzague de Reynold,³ indo ainda mais longe que os baudelairianos, propõe que se reserve ao seu poeta preferido um lugar ao lado de Dante, M. l'abbé Bremond⁴ se esforça por inserir o autor de *Volupté*⁵ na tradição católica mais pura. Com efeito, Sainte-Beuve e Baudelaire, à medida que representam a última decomposição do romantismo, conservam alguns traços daquela religiosidade que foi moda com Chateaubriand. No caso do segundo ao menos, vemos se insinuar os primeiros luars de uma nova maneira de considerar a vida, que se afasta então de Rousseau

¹ Capítulo nono do livro de Auguste Viatte (1901-1993), *Le Catholicisme chez les Romantiques* (Paris: E. De Boccard, 1922). Aqui traduzido por Alessandro Zir e revisado por Luciana Abreu Jardim. Viatte nasceu na Suíça, tendo se estabelecido posteriormente na França e no Canadá como professor universitário e crítico literário. Durante a Segunda Guerra engajou-se do exterior em favor do General de Gaulle, pela libertação da França contra Petain. Com *Les Sources occultes du romantisme*, cuja última edição data de 1979, ganhou o Prêmio Paul-Flat da Academia Francesa. Interessou-se ainda pela cultura haitiana e da Luisiana. N do T.

² Série de ensaios literários de Sainte-Beuve, publicado pela primeira vez em 1850. N do T.

³ Escritor católico e nacionalista suíço (1880-1970), que chegou a ter contato com Salazar e Mussolini, tendo sido também nomeado seis vezes para o Nobel de Literatura. N do T.

⁴ Modernista católico francês. N do T.

⁵ Romance de Sainte-Beuve, publicado pela primeira vez em 1835, elogiado por George Sand e Michelet. N do T.

e melhor se conforme, é preciso admitir, à verdadeira ortodoxia. Mas não nos enganemos: apesar de todas as declarações em favor da arte pela arte, apesar dos esforços para deixar de lado a poesia subjetiva e beatamente otimista, Baudelaire permanece um romântico. Com mais objetividade e realismo, ele retoma em verso o tema de *Volupté*, e Sainte-Beuve percebe isso tão bem que, em seguida à publicação de *Fleurs du Mal*, ele escreve ao seu autor uma carta bastante extensa, em que, dosando a censura e o elogio, pretende ver na obra nova "o sintoma mais recente de uma geração doente, cujos antecessores nos são bem conhecidos". Referindo-se a si mesmo e rememorando as poesias doentias outrora por ele escritas,⁶ Sainte-Beuve desaconselha ao novo poeta uma imitação demasiado precisa de *Poésies de Joseph Delorme*,⁷ e termina por lhe aconselhar a introdução na obra de um raio de sol. Era enxergar bem o defeito de *Flores do Mal*, e Sainte-Beuve soube se valer do desejo de não se comprometer. Entretanto, no final das contas, o viver nas trevas não seria mais válido que deixar-se aclarar pela luz factícia e febril de que abusavam os românticos? É o que se dizia de Baudelaire, aquilo que pensavam seus admiradores. Vemos assim que a voga baudelairiana não é a última fase da dissolução começada em 1830, em que se passa a rejeitar o amor enquanto tal, último princípio ainda vivo, e a se atolar no tédio morno que já não tem, como aquele de Manfredo ou de René,⁸ o recurso da poesia.

O CRISTIANISMO SENTIMENTAL — O QUE RESTA DISSO EM BAUDELAIRE, EM SAINTE-BEUVE: A NATUREZA, O CULTO, OS PADRES

Com efeito, uma das maiores diferenças que se pode notar entre essa coleção de versos doentios e a produção de juventude de Sainte-Beuve é a ausência de luz. Trata-se do empenho do poeta em tapar todas as saídas que se abrem à claridade e se enclausurar, por assim dizer, acompanhado dos pecados dos homens. Não encontramos mais junto a ele as admirações estéticas que os ritos e os dogmas cristãos arrancavam dos mais revoltados dos seus predecessores. Quando se dirige "a uma Madona", ela é sempre uma divindade de carne e osso, e o título parece uma paródia sacrílega de termos sagrados: extremo ao qual era fácil chegar depois de o amor divino ter sido tantas vezes confundido com uma paixão humana. No máximo pode-se assinalar, no início de *Fleurs du Mal*, uma lembrança longínqua da prova de Deus através da natureza, nesse ponto em que, definindo de forma completamente romântica o papel e a missão do poeta, Baudelaire exclama:

No entanto, sob a tutela invisível de um Anjo,
A criança deserdada se embriaga de sol,
E em tudo que ela bebe e em tudo que ela come
Reencontra a ambrosia e seu perfume escarlata.⁹

⁶ O epíteto de "doentio" [malsaines] que [Ferdinand] Brunetière atribuíu a Sainte-Beuve, ele o toma precisamente de um artigo de M. Paul Bourget sobre Baudelaire. Terá ele se dado conta da semelhança entre essas duas almas?

⁷ Livro do próprio Sainte-Beuve, publicado em 1829. N do T.

⁸ Alusão aos protagonistas do poema dramático de Byron e da novela de Chateaubriand. N do T.

⁹ *Bénédiction*.

Outras vezes, é verdade, o autor inconsequente amaldiçoa a "feiticeira sem piedade", "rival sempre vitoriosa"¹⁰ que é a natureza. Mas de qualquer forma, indulgente e selvagem, o que Baudelaire não nega é a concepção do universo como véu, "floresta de símbolos" cuja diversidade aparente recobre uma unidade profunda. Conhece-se a peça célebre:

A Natureza é templo em que vivos pilares
Deixam sempre escapar foscas algaravias;
Passa o homem aí, entre analogias
Florestas suas d'olhos os mais familiares.¹¹

E, acima desse mundo *uno*, cujos aspectos todos se correspondem, ele chega a colocar o "trono esplêndido" de Deus.¹² É pois a esses muito raros vestígios que se reduz o catolicismo estético de *Fleurs du Mal*. E não obstante traços de sentimentalismo ou índices de renovação que se possa encontrar em Baudelaire, vê-se que o aspecto artístico da religião aí está quase que inteiramente ausente.

O caso de Sainte-Beuve é diferente. Apesar da complacência com a qual ele perpassa os abismos da "volúpia", trata-se de uma natureza essencialmente otimista, ou no mínimo de uma natureza para a qual a contemplação do mal precisa elevar-se através de um retorno à esperança dirigida aos céus: "Raramente, meu amigo, tomei as coisas pelo seu lado lúgubre", declara Amaury, "pela perspectiva do inferno e de Satã... É antes o bem, o amor... que eu gosto de me propor como imagem".¹³ E Sainte-Beuve caracteriza a si mesmo como "profano e outrora poeta, que busca a poesia em tudo, inclusive (é preciso dizer?) na religião".¹⁴ Em outras palavras, esse diletante, esse "amador",¹⁵ foi realmente capaz de apreciar as belezas da fé, a magnificência do culto. Ele se esforçou por crer, sem êxito, e disse reteve não só uma melancolia, não desprovida de charme, mas ainda uma certa inclinação a se ocupar de coisas religiosas e uma grande simpatia pelos crentes autênticos:

Nada está mais próximo de um cristão sob certos aspectos que um cético, mas um cético melancólico e inseguro em seu ceticismo. Terei alcançado minha meta mesmo que meu trabalho sobre *Port-Royal* se apresente como a história de uma geração de cristãos, escrita com toda correção por esse cético, respeitoso e contrito.¹⁶

Um tal homem não pode deixar de apelar aos recursos artísticos do catolicismo, e tinha o compromisso de considerar todos os temas religiosos tornados exemplares por seus predecessores. Nele vai se encontrar, portanto, de uma forma muito mais clara que em *Fleurs du Mal*, a prova de Deus através da natureza:

¹⁰ *Petits Poèmes en prose: Le Confiteur du Poète*. ("O confiteur do artista", *O Spleen de Paris*, Porto Alegre: L&PM, 2016, p. 17. N do T.)

¹¹ *Correspondance*. (O poema "Correspondências" faz parte da seleção traduzida neste volume. N do T.)

¹² *Bénédiction*.

¹³ *Volupté*, cap. XX.

¹⁴ *Port-Royal*, livro V, cap. III.

¹⁵ *Ibid.*, livro I, cap. IV.

¹⁶ *Ibid.*, livro III, cap. II.

... Crianças, saibam que sempre há um Mestre
Quando se enxergam belos lugares...¹⁷

"Prova" intuitiva e não reflexiva. Amor da natureza que se traduz sobretudo por uma efusão irresistível de prece:

Saltam ao longe ovelhas, espuma flava,
E eu, cujo olho humedece e cuja fronte se ilumina,
Cabeça descoberta, adorando, recitava a Ave.¹⁸

Encontraremos aí também descrições do culto e de seus acessórios. Sainte-Beuve se embrenhou nas igrejas e, como Chateaubriand observando o bater do sol sobre a hóstia em *Atala*, como Victor Hugo entretendo-se com os vitrais flamejantes por ocasião da coroação de Charles X, Joseph Delorme perseguirá com o olhar espetáculos inéditos de luz:

Oh! quem em uma igreja, de joelhos sobre a pedra,
Não depositou, à noite, sua prece,
 Como um grão de sal?
Quem não beijou do crucifixo o flavo marfim?
Quem não leu do Homem-Deus a sublime história
 Num flavo missal?¹⁹

Pode-se observar afinal que, em meio a essa fantasia, o tom do poeta permanece respeitoso e quase devoto. É também com muita devoção que Amaury descreve o recebimento dos últimos sacramentos por madame Couaën.²⁰ Mesmo quando trata-se apenas de parafrasear uma passagem da Bíblia, não será possível encontrar em seus versos nenhuma marca de incredulidade:

Esperava como um desses anjos
Pelas filhas dos homens ligadas
Outrora por amores estranhos...²¹

Mas, como psicólogo que é, Sainte-Beuve se entrega muito mais particularmente à descrição das almas dos padres. O herói de *Volupté*, Amaury, torna-se padre. Os solitários de Port-Royal encontram-se no limite do sacerdócio, e vários dentre eles foram ordenados. Quanto à "monsieur Jean", se ele não é padre, para isso faltou pouco, pois toda a vida desse professor jansenista foi consagrada ao serviço de Deus e a ajudar os homens. Sainte-Beuve considera "belo" o espetáculo dos religiosos reunidos ao redor da Mãe Angélica:

¹⁷ *Pensées d'Août. Monsieur Jean.*

¹⁸ *Ibid. Sonnet à madame P.*

¹⁹ *Poésies de Joseph Delorme: Les Rayons Jaunes.*

²⁰ *Volupté*, cap. XXIV.

²¹ *Poésies de Joseph Delorme. A.M.A. de L.*

Vejamo-los todos mais ou menos conforme à nossa ideia, dispostos diante de nós, ajoelhados... e então pergunte-se se houve, desde os tempos antigos, um espetáculo mais belo sobre a terra!²²

Ele se diverte reconstituindo as cenas da vida monacal:

Ou, virgem do Senhor, na estreita cela,
Sob a lâmpada noturna cujo luar ondula,
Adorando como santa a Mãe e o Filho,
E para remediar aos males, beijando o crucifixo...²³

Como romântico perfeito, ele serve-se disso como termo de comparação quando está em presença da pessoa amada:

Eu, entrando e vendo-a assim, supunha sem hesitar tratar-se de uma religiosa do sul... Eu a imaginava ainda como a mais santa das amantes e a mais amorosa das santas, Teresa d'Ávila, no momento em que seu coração, castamente abraçado, exclamava: 'Sejamos fiéis Àquele que não pode nos ser infiel'.²⁴

Ele inveja essas existências de padre que lhe parecem ignorar não apenas o mal, mas também a infelicidade:

Ele conhece o mal, conhece histórias muitas vezes funestas
Mas conhece-os de longe, a distância ameniza;
O que fulmina, lhe ilumina à margem;
Cada sombra no horizonte rende glória ao santuário;
E tudo isso o torna, aqui debaixo, melhor,
Um mundo em que, afastado, seu olho enxerga o outro, florido!²⁵

Ele não as admira menos, e como Chateaubriand, Nodier, rende homenagem à obra civilizadora dos padres. Ele admira seu heroísmo, põe sua glória acima das glórias profanas:

Os principais heróis em quem me focava, com quem me identificava com uma fé apaixonada e livre de medo, eram os missionários das Índias, os jesuítas das Reduções, os humildes e dedicados confessores das *Lettres édifiantes*.²⁶ Significavam para mim o que a você, meu amigo, e às crianças deste século significam os nomes mais gloriosos e enganosos, que ouvi frequentemente citados na sua boca: Barnave, Hoche, madame

²² *Port-Royal*, livro I, cap. VI.

²³ *Les Consolations: A Ernest Fouinet*.

²⁴ *Volupté*, cap. IX.

²⁵ *Pensées d'Août: à l'Abbé Eustache B...*

²⁶ Coleção de cartas de missionários jesuítas publicada em vários volumes na França ao logo de todo o século XVIII. N do T.

Roland e Vergniaud. Diga-me hoje você mesmo: acredita que meus personagens sejam menores que os seus? Não considera-os mais puros que os mais puros?²⁷

Mas ele não admira apenas a ação exterior dos padres, mostrando-se ainda mais impressionado pelo lado divino de sua existência. Está persuadido de que nossas aspirações infinitas não podem ser cumpridas senão pelo bem infinito. Ele também se refugia na prece, quando subjugado pelo sofrimento, e partilha com todos os românticos da convicção de que "Deus, portanto, e todas as suas consequências — Deus, a imortalidade, a recompensa e a punição, o dever aqui embaixo e a interpretação do visível pelo invisível, são as consolações mais reais atrás da infelicidade".²⁸ Trata-se assim tanto de um artista como de um sentimental. Mas esse sentimentalismo contemporâneo da crise de 1830 não tarda a se corromper e cair num vício tão grande que basta esquecer as escapadas ideais que aí se redescobrem ainda, para se chegar ao tédio, a esse *spleen* sombrio e morno de *Fleurs du Mal*.

A CRISE DE DESCRENÇA, PONTO DE PARTIDA: AMOR, CRISE MORAL FACILITADA PELA INFLUÊNCIA DE LAMENNAIS, PRAGMATISMO MOMENTÂNEO, CRISTIANISMO INDEPENDENTE

Se Sainte-Beuve tornou-se cético mais tarde, se ele limitou seu papel de crítico à fruição da beleza por toda parte em que ela se encontra, em Saint-François de Sales ou em Chaulieu,²⁹ em Anacreonte ou na Bíblia, sem se preocupar com uma verdade que ele julgava inacessível, é porque de fato nunca teve confiança alguma na razão. Desde o início, ele declarava abertamente seu desprezo pelos "sábios" e sua predileção pelos poetas:

Viver, é preciso reconhecer, não é ver nem saber.
É sentir, é amar; amar, é isso em que consiste a vida.

...

Oh! jamais invejem esses sonhadores inquietos,
Cuja vida entediada se exhibe com orgulho,
Ou se agita inutilmente, turbulenta e fatal.

...

Vocês, mais simples que eles, sabem tanto!
O Amor lhes disse tudo em sua língua sublime.

Nisso ainda ele se reencontrava com Baudelaire, e pelo menos um poema de *Fleurs du Mal*, intitulado "*Châtiment de l'Orgueil*", revela uma desconfiança bastante romântica com relação aos "grandes doutores" e à dialética, e uma preferência pela "humildade", parecida com a de Sainte-Beuve. Como em Sainte-Beuve, a razão, excluída, é substituída pelo sentimento, ou melhor pela *Volupté*, que não tarda a concretizar as aspirações nebulosas do romantismo inicial. Veremos isso com *Joseph Delorme*: mas ainda não estamos aí. Com efeito, ao lado e acima dessa sensualidade que começa então a alvorecer, encontramos aí as declamações contemporâneas

²⁷ *Volupté*, cap. I.

²⁸ Prefácio às *Consolations*.

²⁹ O primeiro foi bispo de Genebra, santificado pela Igreja Católica, e Guillaume Amfrie de Chalieu (1639-1720) é um poeta libertino francês. N do T.

sobre o Amor nobre, o Amor ideal, o Amor divino. Aí reencontramos também as confusões já assinaladas. Sem dúvida, pode-se dizer que às vezes o poeta se dirige apenas a Deus, e que esse amor por Deus se resolve em prece:

O sentido das coisas do outro mundo não preenche senão imperfeitamente (a alma humana); ela se volta ao amor, é o amor sobretudo que a ela e a inicia. Uma tal alma só se alivia completamente quando se desata em preces.³⁰

O poeta chega a insistir particularmente nessa prece e nas consolações que ela traz. Ele vê nela a única maneira respeitosa de se apresentar diante do Altíssimo, e se vale da ocasião para censurar, uma vez mais, a reflexão [*raisonnement*]:

Quem pode, pois, louvá-lo, o Incompreensível,
De outra forma que não de joelhos, abismado na fé,
Afogado na prece?³¹

Nisso ele descobre também um alento em meio à amargura da existência. Implorando a Deus, ele espera chegar a esquecer o seu isolamento:

Oh, santos ardores, preces, compareçam
...
Que eu veja de joelhos os anjos sem palavras
...
Talvez venha a esquecer que aqui embaixo estou só.³²

Mas é preciso estar atento: o amor humano não está longe. Já Sainte-Beuve reconduz seu olhar do céu à terra. Ele não tardará em encontrar um amor terreno que vai tomar pelo celeste:

É pois absolutamente proibido amar em ideia uma criatura escolhida? Que quanto mais amamos mais nos sentimos dispostos a crer, a sofrer e a rezar; que quanto mais rezamos e mais nos elevamos, mais sentimos o gosto de amar?

Até aqui anda de mal. A passagem pode ser relacionada muito facilmente com a concepção cristã do matrimônio. Mas há algo mais grave. Tendendo cada vez mais a identificar, uma a outra, espécies diversas de sentimento, o poeta acaba por misturar as práticas de devoção com seus êxtases amorosos:

Como sabem, não sou daqueles que subtrairiam Beatriz diante dos passos do peregrino mortal. Mas lembrem-se... de não fazer desse culto de uma criatura escolhida senão uma forma translúcida e mais compreensível do Amor divino... Marquem o habitual encontro

³⁰ Prefácio de *Consolations*.

³¹ *Les Consolations: A mon ami Victor Pavie*.

³² *Poésies de J. Delorme: Stances imitées de Kirke White*.

no pensamento de Deus, lugar natural das almas. Comuniquem sempre num mesmo espírito de graça, cada qual sob a asa do mesmo Anjo.³³

Um passo a mais e a assimilação será completa. Voltaremos a essas profanações involuntárias que Vigny vai saudar em *Daphné*. A "elegia" desperta inflexões de prece, o amor evoca a ideia de Divindade:

Chore baixinho por nós, ideal elegia!
É frequente que ao ouvir-se uma voz tão terna,
A prece despertada acrescenta suas inflexões.³⁴

Só lhe falta dizer que amar é prestar homenagem a Deus, e ele o diz. Como para os outros, para ele a fé vem do coração e se identifica com todo o movimento do coração. O amor lhe faz compreender Deus. O amor lhe dá segurança:

... Deus meu, faça com que eu possa amar!
Amar é crer em ti...
...
É encontrar em ti somente essas místicas fontes,
Essas torrentes de felicidade que cantou um santo Rei;
É passar do deserto às regiões seguras,
Integralmente, de um ao outro e ambos em ti.³⁵

A Baudelaire também o amor vai aparecer como a regeneração do homem ao sair das orgias e como uma expiação de suas faltas:

O homem tem à remição
Dois campos de tufo calcário,
...
Um é a arte, outro é o amor.³⁶

DE VOLTA AO AMOR, MAS NÃO À FÉ

... Cara Deusa, Ser lúcido e puro,
Sobre a fumaça dos escombros de estúpidas orgias,
Tua lembrança mais clara, mais rosa, mais encantadora,
Volteia incessantemente diante dos meus olhos, arregalados.³⁷

³³ *Volupté*, cap. IV.

³⁴ *Pensées d'août: Précy, octobre*.

³⁵ *Les Consolations: A mon ami Ulric Guttinguer*.

³⁶ *Fleurs du Mal: La Rançon*. (O poema "O Resgate" faz parte da seleção traduzida neste volume. N do T.)

³⁷ *Fleurs du Mal: L'Aube spirituelle*.

Daí a perder de vista o ideal de Deus para nada mais buscar que não o amor, a distância é pequena. Sainte-Beuve e sobretudo Baudelaire irão galgá-la facilmente. A eles mais que a qualquer outro romântico se aplica a confissão de Amaury: "A religião, que pena! eu a teria acomodado de boa vontade ao meu coração e sentidos; teria tomado dela aquilo com que me nutrir e embalar meus ralos remorsos; teria feito dela um coroamento profano à minha delicadeza".³⁸ Impossível descer mais baixo, e é agora que podemos ver as consequências do exclusivismo sentimental. Observemos então que o herói de *Volupté* fala no condicional (futuro do pretérito). Ele presume o que lhe aconteceria se tivesse mantido a fé, mas ele a perdeu, e esse cadafalso de sonhos e quimeras que ele enfeita com o nome de catolicismo desmoronou ao primeiro choque. Sainte-Beuve compreende muito bem que é ao aviltamento sistemático da razão que é preciso atribuir à origem dessa crise de ceticismo: "A razão tinha irrevogavelmente perdido todo o seu império sobre a alma do infeliz Joseph... Nenhum preceito de vida, nenhum princípio de moral permanecia de pé nesta alma".³⁹ Um pouco antes, é verdade, ele tinha atribuído esse desmoronamento a uma crise de racionalismo, ao passo que na realidade as coisas parecem ter decorrido inversamente. — Seja como for, estamos em plena crise de descrença: não seria tampouco espantoso encontrar os mesmos sintomas junto aos autores precedentes. É em primeiro lugar uma certa desordem diante da multidão de seitas nascentes:

Um dos traços mais característicos da situação social na França, depois da queda da restauração, é certamente a quantidade de sistemas gerais e de planos de reforma universal que aparecem de todos os lados e que prometem a cada um o remédio aos sofrimentos patentes da humanidade.⁴⁰

Há também um grande interesse pelo destino de Lamennais,⁴¹ aplaudido por Sainte-Beuve desde o início, e quem Sainte-Beuve procura reconciliar com a própria Igreja depois de *Paroles d'un Croyant*,⁴² e a quem, por fim, Sainte-Beuve dirige um apelo doloroso, quando o tem de abandonar à sorte dos *Affaires de Rome*:⁴³

Nada é pior, é bom sabê-lo, que incitar as almas à fé e lá abandoná-las subitamente. Nada as atira tanto no ceticismo, cujo horror você ainda experimenta, se bem que não tenha outra coisa a opor a ele senão a melancolia. Sei de muitas almas esperançosas que você carregava no seu alforje de peregrino e que, largando-o por terra, ficaram inertes ao longo das valas! A opinião, o barulho bajulador, e novas almas mais frescas como sempre cabe ao gênio, consolam e permitem sem dúvida que muito se esqueça: mas eu lhe denuncio esse esquecimento, pareça o meu grito como uma queixa!⁴⁴

³⁸ *Volupté*, cap. XII.

³⁹ *Vie de Joseph Delorme*.

⁴⁰ *Critiques et Portraits littéraires*, tomo II. Pensées diverses.

⁴¹ Félicité Robert de Lamennais, padre católico liberal, um dos intelectuais mais influentes na França do período da restauração. N do T.

⁴² Coleção de aforismos pela liberdade e igualdade, publicada por Lamennais em 1834. N do T.

⁴³ Livro de Lamennais, publicado em 1839. N do T.

⁴⁴ *Critiques et Portraits littéraires*, tomo IV. *Affaires de Rome*.

É também — mas por pouco tempo — um certo pragmatismo. E Sainte-Beuve parece ter concebido o seu *Port-Royal* não somente como um estudo interessante de psicologia religiosa, mas como um exemplo capaz de reagir contra as corrupções modernas:

Que a verdade do fundo esteja onde se queira (trata-se da doutrina de Pascal comparada àquela de Voltaire)! Quem sou eu para separar aqui a verdade absoluta? Mas, me detendo apenas no resultado moral, sinto, e cada qual sentira comigo, de um lado uma opinião que, sob o pretexto de ser natural, rebaixa o homem a seu gosto e diverte-se com seu nada; de outro, uma doutrina que, humilde e generosa, exige muito da natureza humana, e concentra todos os seus esforços, todo o seu tormento, em elevá-la.⁴⁵

Mas logo esgarça-se de vez o último fio que liga Sainte-Beuve à ortodoxia, pois compreende-se, é claro, que inúmeros dogmas tradicionais não têm relação alguma com a moral, podendo-se facilmente deles abrir mão. À falta de algo melhor, fica-se com a religião de *Jocelyn*, com "seus sentimentos de cristianismo moral, sem pretensão dogmática, de um cristianismo que não tem mais a prece noturna em comum, mas que (esperando o que o futuro reserva) pode se nutrir ainda de exemplos tocantes e efusões afetuosas".⁴⁶ A doutrina será simplificada tanto quanto possível, sutilezas eclesiásticas serão postas de lado, e o dogma vai ser alargado para salvar do naufrágio o maior número possível de seres:

Que fazer? — Ao menos salvar o projeto em seu âmago,
Guardar dele o desejo e o propósito ideal;

...

Algo de bom, que confie no Céu,
Que seja tolerante...

...

Religião clemente a tudo que suspira,
Cristianismo universal!⁴⁷

Não parece, por outro lado, que Sainte-Beuve tenha se resignado sem sofrimento a permanecer desde então fora da Igreja. Sem dúvida, com esses românticos de segunda ordem, não é fácil discernir o que é sincero e o que não passa de uma imitação dos protagonistas mais eminentes. Podemos observar que muitos dos textos de que nos servimos aqui são tirados de *Poésies de Joseph Delorme*, sendo por consequência anteriores a muitas das poesias cristãs que citamos antes. Mas seu apelo a Lamennais parece sincero, e não é impossível admitir em seu caso alternâncias de dúvida e crença que talvez cedo se fundam numa espécie de diletantismo. — Em todo o caso, considerando-se o que está nos textos, pode-se vê-lo chorar a fé perdida:

Mas onde reencontrá-la, quando foi perdida,

⁴⁵ *Port-Royal*, livro IV, cap. XX.

⁴⁶ *Critiques et Portraits littéraires*, tomo IV. *Jocelyn*.

⁴⁷ *Pensées d'août*: Précý, outubro.

Essa humilde fé do coração?...⁴⁸

Não se pode buscá-la em Roma, pois Sainte-Beuve "não espera de fato nada de Roma e daquilo que aí reina":

Se o Cristo me entenece, Roma no mínimo me constrange.

...

Antes de mais nada, procuro não me ferir,
Procuro crer e aceitar, me deixar levar,

...

Digo, e apesar de tudo, com o coração livre e popular,
Cada vez que aspiro ao antigo rochedo,
Quanto aspecto tortuoso me impede de me aproximar!⁴⁹

O epíteto de "coração livre e popular" nos indica a natureza dos obstáculos que separam Sainte-Beuve da Igreja. São análogos àqueles com que lutava Lamennais. Sainte-Beuve não aspira menos à certeza e afirma aos "padres" que todo o seu século aspira a isso, como ele:

O século, vocês dizem, é ímpio — ele não o é.
Está doente, infelizmente! Suspira, espera;

...

Guarda do passado a memória fiel
E a leva ao deserto. — Basta lhe mostrar
Um templo onde descansar a arca, uma nova abóbada,
Ajoelhando-se com a face na terra, ele se prosternará!⁵⁰

Tais aspirações, entretanto, tais veleidades, não são acompanhadas de resoluções. Deus permanece surdo a tais apelos. A providência tão e tão sofridamente implorada não retira essas almas do abismo ao qual fizeram tudo por chegar. Como os antigos, diz Sainte-Beuve, nessa época de mal-estar que prece o advento do cristianismo,

Como eles, erro inseguro, presa dos sentidos arrebatados,
Buscando a verdade, mas mais culpável que eles;
Pois eu a tinha, Senhor, essa verdade santa...

...

Que fiz eu dos teus dons? — Blasfemei, fugi.⁵¹

E ele acrescenta esses dois versos que dão bem a medida dessas semi-vontades incapazes de passar à ação:

⁴⁸ *Poésies de Joseph Delorme: Les Rayons jaunes.*

⁴⁹ *Pensées d'août: Prêcy, outubro.*

⁵⁰ *Les consolations: A mon ami P. Mérimée.*

⁵¹ *Ibid.: A M. Viguier.*

Para chegar a ti, basta querer.
Eu queria muito, Senhor; quero, por que é que não posso?⁵²

Ah! Como se conhecia bem o poeta, quando assim definia seu estado de espírito e aquele do público do que era intérprete:

... Sou aquilo que sou,
Entre fraco, inconstante, quero e não posso;
Inspirado pela Beleza sem modelo,
Mas morno, e a servindo com alma pouco fiel.⁵³

Encontramos em Baudelaire inflexões parecidas. Incapaz de se elevar à fé, ele não chega nem mesmo à virtude:

Mais que todos, conheço certo voluptuoso
Que baila noite e dia, se lamenta e chora,
Arrependido, impotente, vão: "sim, quero
ser virtuoso em uma hora!"⁵⁴

E com efeito, quando se chega a esse grau de dissolução, o romantismo se torna baudelairismo. — Termina-se por tomar partido. Diz-se como Musset, que talvez nossa dor, nossa tristeza incurável compensarão diante do Criador os erros cometidos:

Bendito seja Deus que nos dá o *tormento*,
Às impurezas nossas divino remédio,
Eis o mais refinado e melhor elemento
E que os fortes prepara ao santo sortilégio!⁵⁵

E lá de cima, se apropriando avidamente do último princípio ainda vivo, quer dizer, do Amor, se procura aí uma consolação e um remédio contra a dúvida: "Amar, ser amado, declara Amaury, unir o prazer ao amor, me sentir livre ao permanecer fiel, guardar o elo secreto até em infidelidades passageiras... tal seria a cura doentia que me teria bastado".⁵⁶ Mas sente-se que o amor assim compreendido degenera facilmente em devassidão, e como essa devassidão ela própria é insaciável, fica-se obrigado a temperá-la com condimentos cada vez mais acres. Um momento virá em que, sem poder avançar, sente-se o sentimento e a própria sensualidade desvanecer. E nada mais vai se substituir aos princípios idealistas do romantismo inicial.

⁵² *Ibid.*

⁵³ *Ibid.*: *A mon ami Antonin Deschamps*.

⁵⁴ *Fleurs du Mal: L'Imprévu*.

⁵⁵ *Ibid. Bénédiction*.

⁵⁶ *Volupté*, cap. XII.

DO ROMANTISMO AO BAUDELAIRIANISMO: DO AMOR IDEAL AO AMOR SENSUAL, DO AMOR SENSUAL À DEVASSIDÃO, DA DEVASSIDÃO AO CULTO DE SATÃ, DO CULTO DE SATÃ AO SPLEEN E AO NADA

Não é surpreendente que depois de ter perdido de vista a religião tradicional, Sainte-Beuve, Baudelaire e aqueles que a eles se assemelham se dirijam ao amor: primeiro, como já vimos, porque, de todos os princípios que tinham feito triunfar o romantismo, só esse parecia permanecer intangível e vivificante. Depois, porque uma vez afastada a ideia de Deus, ela se mostra sem dúvida como a expressão mais eloquente do ideal. Enfim, ao se habituar a fazer do sentimento a base de toda crença e de toda moral, era natural se refugiar aí das baixezas da vida. De resto, a sensualidade de Joseph Delorme asfixia o seu espiritualismo, e Baudelaire sobretudo não vê no amor senão um gozo físico. Cedo eles se desiludiram: não acreditaram por um instante que a "volúpia" podia lhes servir de religião, e que ela lhes permitira evitar as falhas das quais não nos livramos:

Marcham diante de mim, Olhos plenos de luz,
...
Salvam-me da armadilha e do pecado grave,
Meus passos eles guiam na estrada do Belo;⁵⁷

Por aí desaparece um dos dois elementos que para os românticos representavam a verdade. O Bem se apaga diante do Belo, que torna-se o objetivo único da vida. Hugo já tinha lançado o manifesto da Arte pela Arte no prefácio de *Orientales*. Mas a própria coletânea não constitui uma aplicação dessa teoria. O cantor da revolução grega era veemente ao tomar partido nas lutas políticas, e estava longe de se recolher ao culto da Beleza. Baudelaire, ele sim, vai exigir do poeta uma dedicação exclusiva à forma. Na vida prática tanto quanto na literatura, ele vai aplaudir toda ação que venha a ser para a humanidade uma fonte de belezas desconhecidas: "Que o comedor de ópio", escreve ele a propósito de Quincey, "não tenha nunca rendido à humanidade serviços positivos, o que importa? Se seu livro é *belo*, devemos gratidão a ele".⁵⁸ — Com mais razão ainda quando se trata do amor, que, num momento de lucidez, pode bem lhe parecer "uma contra-religião, uma religião satânica",⁵⁹ mas, normalmente, ao se confundir com a busca passional da beleza, parece o meio mais seguro para elevar a condição humana. "Volúpia, seja sempre minha rainha", exclama Baudelaire,⁶⁰ e sem mais se preocupar com a origem divina ou satânica da paixão, ele faz dela um fim em si:

Que venhas tu do céu, do inferno que m'importa,
Beleza monstro enorme! Sinistro, imaculado!
Se teu olho e sorriso abrem a mim a porta
Do infinito amado e ainda ignorado.

⁵⁷ *Fleurs du Mal: Le Flambeau vivant*. (O poema "O Facho Vivo" faz parte da seleção traduzida neste volume. N do T.)

⁵⁸ *Paradis artificiels. Un mangeur d'opium*, cap. V.

⁵⁹ *L'Art romantique. Richard Wagner*. III.

⁶⁰ *Fleurs du Mal: La Prière d'un Païen*.

De satã ou de Deus, anjo ou sereia minha?⁶¹

É com efeito sempre o infinito que se busca. O mal de René, longe de se aplacar, como Chateaubriand o havia prometido, na paz da fé cristã, torna-se cada vez mais agudo, sempre mais agudo, sempre mais obsedante, à medida que o século avança no tempo. Acaba-se por renunciar à busca da felicidade celeste e entregar-se às delícias da terra. "Li *René* e estremeci", diz Amaury, "pois aí reconheci-me por inteiro... E no entanto meu mal era bem pessoal, menos vago, menos altivo e ideal que aquele que eu admirava."⁶² — Com efeito, as aspirações flutuantes do confidente de Chactas se especificaram: a sílfide tomou corpo; não é mais no bosque de Combourg, é sobre a calçada das grandes cidades que os poetas buscam matar a sede da felicidade; e dessa forma se justifica os desvios de conduta os mais repreensíveis.⁶³ Vai se dizer: "Que significa toda a ciência quando se perde a consciência?"⁶⁴ E as vítimas do amor vão aparecer como holocaustos infinitamente agradáveis a Deus:

Esses amores celestes não caem senão para logo remontar; ao risco de sem isso se perder e se alterar, nascem sob a condição de morrer rápido e de matar suas vítimas. Que a remissão seja outorgada pelo senhor, Deus do Céu, às suas criaturas consumidas!⁶⁵

Da mesma forma, Baudelaire vai saudar o zelo devoto das "mulheres danadas, que aspiram ao infinito":

Vocês que em seu inferno por suas almas são perseguidas,
Pobres irmãs, amo-as tanto quanto as lamento
Por suas tristes dores, por sua sede insaciável,
Pelas urnas do amor de que seus enormes corações estão fartos.⁶⁶

Pode-se distinguir a diferença de tom. Muito mais que Sainte-Beuve, Baudelaire captou o nada da volúpia. Friamente apaixonado, o crítico diletante acaba por reconduzir seu herói à fé, ao passo que quanto mais se avança em *Fleurs du Mal* mais se acumulam as trevas da angústia e da incerteza.

É em vão que o poeta busca tomar partido, e declara adorar a beleza real ou imaginária:

Mas não basta que tu sejas a aparência
Para alegrar um coração que foge da verdade?
Que importa tua estupidez ou tua indiferença?
Máscara ou adorno, salvação, adoro a tua beleza.⁶⁷

⁶¹ *Ibid.*, *Hymne à la beauté*. (O poema "Hino à beleza" faz parte da seleção traduzida neste volume. N do T.)

⁶² *Volupté*, cap. XII.

⁶³ Cf. *Poésies de Joseph Delmorme. Le Rendez-vous*.

⁶⁴ *Ibid.*, *Sonnet*.

⁶⁵ *Volupté*, cap. XVIII.

⁶⁶ *Fleurs du Mal: Femmes damnées*.

⁶⁷ *Fleurs du Mal: L'Amour du mensonge*.

É sempre com mesma Vênus que ele se debate, fria e implacável, que "mirava sabe-se lá o que no horizonte, com seus olhos de mármore".⁶⁸ — O poeta procura se desembaraçar, ele insulta o objeto da sua paixão:

Infame a quem estou ligado
Como um condenado ao grilhão
...
Maldito, maldito sejas!⁶⁹

Essas volúpias que a toda hora lhe parecem tão cativantes não lhe inspiram mais que desgosto. E Sainte-Beuve, tanto quanto Baudelaire, dá testemunho desse estado de espírito:

Cada vez que do seio dessas ondas móveis e contraditórias em que vagamos, o braço do Poderoso volta a nos mergulhar na corrente secreta e gelada, nessa espécie de Jordão que se dirige, numa onda rigorosa, acima das mornas corrupções do nosso Oceano — cada vez experimentamos esse mesmo arrepio de desgosto despertado pela ideia da Sereia, e vomitamos as alegrias da carne.⁷⁰

Chega-se a negar o amor. Não só a sensação tomou o lugar do sentimento, mas ela própria acabou por desaparecer. Os vícios dos quais não podemos nos livrar não inspiram mais que desgosto:

Em tua ilha, oh Vênus! não encontrei de pé
Senão uma força simbólica de que pendia minha imagem...
Ah! Senhor, dê-me força e coragem
De contemplar meu coração e meu corpo sem desgosto!⁷¹

Que fazer agora? Voltar à religião tradicional? Alguns vão tentar, e é nisso que consiste precisamente a crise moral de 1830. Amaury, o herói de *Volupté*, vai chegar a isso. Mas poucos serão perseverantes o suficiente para seguir seu exemplo até o final, a maior parte não sendo capaz de ultrapassar esse estágio intermediário em que "a vontade não quer mais, e a graça desliza do alto como um luar".⁷² Novamente desiludidos, não lhes resta outra alternativa que não se remeter à procura de alegrias cada vez mais acres, e que logo não serão mais suficientes a seres cada vez mais blasés. "Tal é a lei da vida", escreve Baudelaire, "que quem recusa as alegrias puras da atividade honesta só as alegrias terríveis do vício pode sentir. O pecado contém seu inferno, e a natureza diz de tempos em tempos à dor e à miséria: vamos, derrotem esses rebeldes."⁷³ E Amaury constata com terror "que a volúpia é a transição, a iniciação, nas

⁶⁸ *Petits poèmes en prose. Le Fou et la Vénus*. ("O Louco e a Vênus", *O Spleen de Paris*, Porto Alegre: L&PM, 2016, p. 27-28. N do T.)

⁶⁹ *Fleurs du Mal. Le Vampire*.

⁷⁰ *Volupté*, cap. VIII.

⁷¹ *Fleurs du Mal. Un Voyage à Cythère*.

⁷² *Volupté*, cap. VII.

⁷³ *L'Art romantique: L'Art païen*.

personalidades sinceras e ternas, aos vícios e às outras paixões baixas... Ela me fez conhecer a embriaguez e a gula..."⁷⁴ — Isso não seria nada se se limitasse ao vinho: o vinho permanece "profundamente humano, e eu ousaria dizer homem de ação".⁷⁵ É assim ao menos em comparação com essas drogas infernais, o haxixe e o ópio, às quais acaba por recorrer o homem em busca de "paraísos artificiais". — Paralelamente a essas depravações se desenvolve a ambição, junto àqueles cuja alma permanece forte o suficiente para afrontar a multidão aglomerada.⁷⁶ Paralelamente, se desenvolve a maldade, que se sustenta até no amor, a fim de conferir, através de um último excitante, um pouco de vida à alma desgastada:

Que me importa que sejas prudente!
Seja bela e seja triste! As lágrimas
Acrescentam um charme ao semblante,⁷⁷

dirá Baudelaire, e Sainte-Beuve, tão explícito quanto:

Quem poderá expressar os desvios, os instintos selvagens, o medo dos homens, em que cai o escravo das delícias? Quem poderá expressar... o aspecto sinistro do seu rosto e a dureza dos seus olhares?⁷⁸

Depois disso, só resta uma coisa a fazer: depois de se entregar ao mal de todas as suas formas, adorá-lo sob o nome de Satã. Sainte-Beuve recua diante desse último passo; Baudelaire — ou o ser que Baudelaire põe em cena — não hesita em franqueá-lo. Desde o início, há nele bravatas de impiedade:

Hoje, data fatídica,
Sexta-feira, treze, temos,
Malgrado tudo que sabemos,
Assumido o ar de um herético.
Blasfemamos Jesus...⁷⁹

Ele termina por se prosternar de boa vontade diante do "Inferno em que seu coração se regozija"⁸⁰ e diante do seu monarca diabólico. Ele lhe dirige litânias em que não é indiferente assinalar, além de uma expressão tomada de empréstimo de George Sand, um último traço da concepção romântica do amor e do pensamento livre:

O Príncipe do exílio, contra quem se foi injusto,⁸¹

⁷⁴ *Volupté*, cap. X.

⁷⁵ *Les Paradis artificiels. Du vin et du haschisch*, cap. II.

⁷⁶ *Volupté*, cap. XII.

⁷⁷ *Fleurs du Mal. Madrigal triste*.

⁷⁸ *Volupté*, cap. XX.

⁷⁹ *Fleurs du Mal. L'Examen de minuit*.

⁸⁰ *Ibid. Horror sympathique*.

⁸¹ Cf. George Sand, *Consuelo*.

E que, vencido, se endireita sempre mais forte...

...

Tu que mesmo aos leprosos, aos párias malditos,
Ensinas por amor o gosto do Paraíso...

...

Cajado dos exilados, lâmpada dos inventores,
Confessor dos enforcados e conspiradores,
Oh Satã, tenha piedade da minha longa miséria!⁸²

Mas chega uma hora em que o próprio satanismo não lhe basta mais, em que nada mais consegue galvanizar a morna sonolência do poeta. Depois de invocar em vão o amor, as orgias, a crueldade, o próprio Satã, ele se reencontra face a face com seu tédio incurável. "*Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*"...⁸³ Engajadas nos labirintos do vício, essas almas perderam definitivamente toda esperança. Os olhares que lançam ao céu o encontram fechado, e nada pode distraí-la de seu sofrimento:

... A Esperança,
Vencida, chora, e a angústia, atroz, despótica,
Sobre meu crâneo inclinado fica sua bandeira negra.⁸⁴

A vida agora parece apenas uma longa caminhada subterrânea:

Nada mais longo é que as manhãs claudicantes,
Em que nevosos caem, pesados e silentes,
Anos frutos do tédio e da incuriosidade,
E tendo as proporções da imortalidade.⁸⁵

"Viver é um mal."⁸⁶ Não seria melhor então prescindir da vida? Os heróis de George Sand recorriam ao suicídio quando não podiam satisfazer suas paixões. Parece lógico imitar o seu exemplo quando se desespera de fixar sobre um objeto qualquer aspirações constantemente desapontadas. E era com o suicídio que sonhara Joseph Delorme. Ele até mesmo se divertia enumerando as formas mais refinadas de se matar.⁸⁷ Baudelaire também, ou o homem que ele

⁸² *Litanies de Satan*. Há todo um aspecto satanista e também de culto a Cain que constitui um dos pontos extremos do romantismo. Uns se limitam a afirmar a conversão e reabilitação futura do Anjo do Mal: Vigny no seu *Satan Sauvé*, Hugo, em *Fin de Satan* ou *Ce que dit la Bouche d'Ombre*. Outros vão adorá-lo, seja literalmente seja simbolicamente: depois de Byron e George Sand, é o caso de Baudelaire. No que concerne a Cain, Baudelaire ou Leconte de Lisle vão retomar ideias que se encontram já em Byron, mas que Vigny tinha igualmente exprimido: "Na história de Cain e Abel, é evidente que Deus foi injusto..." (*Journal d'un Poète*, 1842).

⁸³ "Que aquele que aqui entre, deixe de lado toda a esperança." Inscricção que Dante coloca à entrada do seu inferno, e Viatte reproduz no italiano original. N do T.

⁸⁴ *Spleen*.

⁸⁵ *Spleen*. (Ver a seleção de poemas de *Fleurs du Mal* traduzidos neste volume. N do T.)

⁸⁶ *Flerus du Mal: Semper eadem*.

⁸⁷ *Le Suicide. Le Creux de la Vallée*.

representa, sonha com esse último procedimento que lhe permitiria experimentar emoções inéditas:

Queremos, tanto este fogo nos queima o cérebro,
Mergulhar no fundo do abismo, Inferno ou Céu, que importa?
Ao fundo do desconhecido para descobrir o novo!⁸⁸

Mas ele teme desiludir-se uma vez mais, ser enganado pela tumba. Ele gostaria de aí encontrar o nada, ele receia aí reencontrar a vida:

... Na cova mesmo,
O sono prometido não é certo;
...
Ao nosso redor, o nada é traidor,
...
... Tudo, mesmo a morte, nos mente.⁸⁹

E essa vida futura, ele estremece de descobri-la semelhante à nossa, tão monótona e fastidiosa quanto:

Sem susto estava morto e a funesta aurora
Me encobria: mas quê? não havia mais nada?
Cortina levantada, e eu esperando a hora."⁹⁰

Ele é condenado sem volta, presa de Satã: nada poderá libertá-lo das "planícies de tédio, profundas e desertas", a que o conduz o seu desejo.⁹¹ O sentimento se esvaiu há tempo; a sensação, a volúpia, impulso supremo de uma alma rompida, acaba por desaparecer também, dando lugar ao fastio. E nada mais resta dos três aspectos da religião que são também os três aspectos de toda vida completa: verdade, beleza e bondade. Tudo é vazio, tudo é deserto, o romantismo consumiu sua obra; não pode haver mais pensamento a não ser dela se libertando. Assim, não nos espantamos de ver uma reação ganhar força de todos os lados cerca do ano de 1850. E tampouco nos espantamos de que aquele que penetrou mais profundamente no abismo do mal do século, Charles Baudelaire, esteja também entre aqueles que começam a entrever claramente os sintomas de um retorno ao bom senso e um repúdio completo do romantismo.

PRIMEIROS SINTOMAS DE UMA REAÇÃO: PARALELISMO ENTRE O SAINTE-BEUVE DO SEGUNDO IMPÉRIO E BAUDELAIRE, OPOSIÇÃO À NOÇÃO ROMÂNTICA DE AMOR E DE NATUREZA, REESTABELECIMENTO DAS IDEIAS DE PECADO ORIGINAL E DE EXISTÊNCIA DO DEMÔNIO — QUAL

⁸⁸ *Fleurs du Mal: Le Voyage.*

⁸⁹ *Ibid. Le squelette laboureur.*

⁹⁰ *Ibid. Le Rêve d'un Curieux.* (Ver "O Sonho de um Curioso" na seleção de poemas de *Fleurs du Mal* traduzidos neste volume. N do T.)

⁹¹ *Ibid. Destruction.* (Ver seleção de poemas de *Fleurs du Mal* traduzidos neste volume. N do T.)

O SENTIDO DE *FLEURS DU MAL*? SOBRE A DOCTRINA DA ARTE PELA ARTE, SUAS RELAÇÕES COM O DILETANTISMO DE SAINTE-BEUVE

Tampouco Sainte-Beuve pode se dedicar mais tempo à poesia doentia de *Joseph Delorme* e ao romance do gênero de *Volupté*. Ele vai manter a vida toda uma ponta de libertinagem, mas, tendo descoberto a tempo sua vocação de crítico, ele não tardará em limitar sua atividade literária. E é preciso admitir que ele manifesta geralmente um grande bom senso e uma clareza de visão. Cada vez mais hostil ao romantismo, ele acaba por alinhá-lo ao humanitarismo como sendo uma dessas "doenças que os jovens talentos têm de quase necessariamente atravessar, e das quais se libertam tão mais completamente quanto mais amadurecem."⁹² Infelizmente, como os mais ilustres representantes dessa geração de 1850 que ele contribuiu a formar e com a qual sua mentalidade acaba por se confundir — concordando com Taine, com Renan, com Flaubert, de quem ele não gostava —, ele permaneceu ainda mais hostil à religião católica a qual ele imputa a responsabilidade pelo romantismo. Ele substitui ao misticismo de 1830 um materialismo burguês e, dessa forma contribuindo a reconduzir a literatura à moral e ao bom gosto, mostrará, com respeito à religião, uma indiferença desdenhosa. Nesta segunda parte de sua vida, ele está ainda mais afastado da fé que na primeira, a reação contra o romantismo o afastou da Igreja. Esse não é o caso de Baudelaire.

Em primeiro lugar, não se pode identificá-lo de forma apressada com a personagem que ele põe em cena em seu livro. Ele próprio nos precaveu quando a uma semelhante identificação. "Fiel ao seu doloroso programa", dizia ele numa nota à primeira edição de *Fleurs du Mal*, "o autor, como um perfeito comediante, teve de adaptar seu espírito a todos os sofismas e a todas as corrupções." Talvez se tratasse de prudência com relação aos tribunais que não poderiam deixar de persegui-lo. Talvez seu satanismo seja uma das faces do seu dandismo, como insinua M. Jacques Boulenger.⁹³ Não se poderia negar, em todo o caso, que suas obras em prosa nos revelam um espírito singularmente mais sã do que se poderia esperar da leitura dos seus poemas, um espírito inclusive que, sobre diversos aspectos, tem uma visão mais justa que a de seus antecessores. Sem dúvida ele se apresenta como romântico, pois intitula uma das suas recolhas de *Art romantique*, mas com um significado diferente. Longe de atribuir ao sentimento a predominância exclusiva que lhe concedem os discípulos de Rousseau, ele admoesta os artistas para quem a fantasia é a única regra. Criticando o pintor Boulanger, ele diz: "eis as derradeiras ruínas do velho romantismo — eis o que significa chegar em um período em que se acabou por crer que a inspiração seria capaz de substituir tudo mais — eis o abismo a que leva a corrida desarvorada de Mazeppa".⁹⁴

Não mais na literatura que nas belas-artes, ele admitirá a "poesia do coração": "Durante a época desordenada do romantismo, época de ardente efusão, se fazia uso frequente dessa fórmula: *a poesia do coração!* Dava-se assim plenos direitos à paixão, atribuía-se a ela uma espécie de infalibilidade. Quanto contrassenso e sofismas pode impor à língua francesa um erro estético! O coração contém a paixão, o coração contém a abnegação, o crime; a imaginação basta

⁹² *Critiques et Portraits littéraires*, tomo V. *Pensées et fragments*.

⁹³ "O espírito de Baudelaire, sua alma, é profundamente romântico: como se espantar de que o personagem cujo papel ele quis representar o seja também? Ele poderia ter escolhido o papel do amante fulminado, por exemplo. Mas ele preferiu um papel mais divertido: quis personificar o dandy satânico" (*L'Opinion*, 9 de abril de 1921).

⁹⁴ *Curiosités esthétiques: Salon de 1845*.

para a poesia".⁹⁵ E aí aparecem inflexões muito próximas àquelas do autor de *Causeries du Lundi*, quando ele examinava as últimas obras de Chateaubriand ou Lamartine.

Contrariamente ainda aos românticos, Baudelaire amaldiçoa a natureza. Ele a considera fria e hostil sob sua falaciosa beleza. "Natureza, feiticeira sem piedade, rival sempre vitoriosa, larga-me!";⁹⁶ exclama ele. Vigny é o único que antes dele havia ousado se emancipar assim dos sofismas de Jean-Jacques Rousseau. Mas Vigny permaneceu humanitário, ao passo que Baudelaire, tanto quanto Sainte-Beuve ou Leconte de Lisle, nega a bondade do homem natural: "Examinem, analisem tudo o que é natural, todas as ações e todos os desejos do homem puro natural: só encontrarão o horror. Tudo que é bom e nobre é resultado da razão e do cálculo".⁹⁷ É dessa forma que entra na literatura essa noção de pecado que todo o desenvolvimento do romantismo tinha contribuído a excluir. A partir de agora, a legitimidade de um ato não consistirá em ser natural. Ao contrário, será esse um motivo para dele desconfiar, porque nossa natureza é corrompida pela queda do primeiro homem: "Infelizmente, do pecado original, mesmo depois do progresso por tanto tempo prometido, vão restar muitos traços para que se constate sua imemorial realidade".⁹⁸ Como consequência, cai por terra para ele também a ideia de progresso, que "se ergue num absurdo gigantesco, uma bizarrice grotesca que leva ao pasmo", e que não deixava de ser um dos artigos fundamentais do credo de George Sand. Aqui ainda, apesar de não existir texto estabelecendo que Sainte-Beuve partilha dessas ideias, Baudelaire se encontra em completo acordo com um sistema de crítica que culminava em preferir, aos maiores nomes do presente, as menores glórias do passado.

Outra interpretação que ele restaura, — uma crença sobre a qual se calavam prudentemente os primeiros românticos, uma doutrina que por "tolerância" negavam Charles Nodier ou Lamartine e que George Sand transformava para fazer dela a apoteose da revolta — é a da existência do demônio. Não estamos nos referindo aos conteúdos blasfemos de *Revolte*, que têm também o seu sentido e não em vão são colocados por Baudelaire perto do final do livro, pois indicam claramente como o exercício do vício se resume à adoração de Satã. Mas queremos dizer que o poeta crê firmemente na existência do Sedutor, é assombrado por ele, o vê por toda parte e lhe atribui a origem de nossas faltas e pecados — longe de os desculpar ou deles se glorificar à maneira dos românticos. Ele atribui ao demônio essa sede de volúpia que se resolve, numa ironia diabólica, em tédio desesperante:

Sem cessar, do meu lado se agita o Demônio

...

Que me enche de desejo eterno e culpável.

...

E me conduz assim, do olhar de Deus alheio,
Ofegante e lascado, exausto e em meio

⁹⁵ *L'Art romantique*. Théophile Gautier, III.

⁹⁶ *Petits poèmes en prose*. *Le confiteur de l'Artiste*.

⁹⁷ *L'Art romantique*. *Le Peintre de la Vie moderne*, XI.

⁹⁸ *Ibid*. *Critique littéraire*. *Les Misérables*, IV.

Às planícies do tédio e colinas desertas.⁹⁹

Ele exagera mesmo e chega a atribuir a uma origem satânica ações bastante inocentes... Faz ainda algum sentido quando vê uma encarnação de Satã no haxixe ou no ópio:

Os venenos excitantes me parecem não apenas dos mais terríveis e mais seguros meios de que dispõe o Espírito das Trevas para recrutar e subjugar a humanidade deplorável, mas mesmo uma de suas incorporações mais perfeitas.¹⁰⁰

Mas não podemos nos impedir de dar de ombros quando ele proclama que "a arte moderna tem uma tendência essencialmente demoníaca",¹⁰¹ ou que "o cômico é um dos indícios satânicos mais evidentes no homem e um dos numerosos pepinos contidos na maçã simbólica", já que o riso viria "da ideia da própria superioridade, mais satânica que qualquer outra!"¹⁰² Fala ele seriamente ou para mistificar? À própria mistificação ele atribui uma origem diabólica:

O talento mistificador... resultado de uma inspiração fortuita... é um elemento chave... dessa disposição, histérica segundo os médicos, satânica segundo aqueles que pensam um pouco melhor que os médicos, a qual nos impele automaticamente a uma série de ações perigosas e inconvenientes.¹⁰³

Em primeiro lugar, um simples desejo de mistificação não daria azo suficiente a uma obra de tão longo fôlego. E como, por outro lado, não se pode tomá-la ao pé da letra, e muitos textos nos obrigam a separar o autor do herói, vemos que a tese de Baudelaire poeta cristão, defendida por M. Gonzague de Reynold, não deixa de ser plausível. Mas ela não parece exata, certas declarações do poeta parecem enfraquecê-la. Se examinarmos a obra em prosa de Baudelaire em busca das suas crenças, constatamos que, assim como aquelas de Sainte-Beuve na época de *Volupté*, são superficiais, vacilantes, dão a impressão de indecisão provocada pelo romantismo.

Sem dúvida ele fala com respeito da religião católica: ele a chama de "nossa religião", e se chega a falar dela como de uma "ficção", ele se apressa em explicar seu pensamento de forma a afastar qualquer pretexto de dúvida sobre sua fé:

Falo de propósito como falariam um ateu e um professor de artes, e disso não devem tirar nenhuma conclusão sobre a minha fé...¹⁰⁴

⁹⁹ *Fleurs du Mal: La Destruction*. (A versão apresentada mais adiante desse poema na coleção de versos traduzidos para este volume, difere um pouco da aqui disponibilizada, em função da métrica e outros critérios formais adotados quando se considerou o poema no todo. N do T.)

¹⁰⁰ *Paradis artificiels. Le poème du haschisch*, cap. IV.

¹⁰¹ *L'Art Romantique. Réflexions sur mes Contemporains*, VII.

¹⁰² *Curiosités esthétiques. De l'Essence du Rire*, III.

¹⁰³ *Petits poèmes en prose. Le Mauvais Vitrier*. ("O mau vidraceiro", *O Spleen de Paris*, Porto Alegre: L&PM, 2016, p. 32. N do T.)

¹⁰⁴ *Curiosités esthétiques. Salon de 1859*, V.

Ele começa nos dizendo que "por simples bom senso, Eugène Delacroix se volta para a ideia católica".¹⁰⁵ Ele professa que, para a literatura moderna, "renegar os esforços da sociedade precedente, cristã e filosófica, é se suicidar".¹⁰⁶ E vai se observar uma vez mais que esse catolicismo é de boa liga, não se baseia no sentimento como a religião dos românticos, e que a fé aí se encontra intimamente ligada ao "bom senso" e à "filosofia". — Mas é muito difícil conciliar essas declarações com outras frases em que ele fala do seminário como de uma "odiosa tirania":

É bom que cada um de nós, uma vez na vida, tenha experimentado a pressão de uma odiosa tirania. Ele aprende a odiá-la. Quantos filósofos não engendrou o seminário!¹⁰⁷

Tudo isso traz o traço de variações ou ao menos de incertezas que, na hipótese de uma concepção católica de *Fleurs du Mal*, deviam ter alguma influência sobre a composição do livro. É verdade que uma passagem de Baudelaire, relativa ao pintor Constantin Guys, parece dar razão àqueles que querem aí ver uma obra moralista e, sob o pretexto de definir o talento desse artista, dar uma verdadeira explicação de sua doutrina:

Se por azar algum desavisado buscasse nessas concepções de M. G., disseminadas um pouco por toda parte, a ocasião de satisfazer uma curiosidade doentia, previno-o caridosamente que aí não encontrará nada que possa excitar uma imaginação doente. Encontrará apenas o vício inevitável, quer dizer, o olhar do demônio emboscado nas trevas, ou o ombro de Messalina cintilando no gás — nada senão pura arte, quer dizer, a beleza singular do mal, o belo no horrível. E para repetir inclusive o que já disse, a sensação geral que emana de todo esse cafarnaum contém mais tristeza que malícia. O que confere uma beleza particular a essas imagens é a fecundidade da sua moral. São ricas em sugestões, mas em sugestões amargas, cruéis, que minha pluma, apesar de já acostumada a lutar contra as representações plásticas, só consegue traduzir de forma imperfeita.¹⁰⁸

Mas essa citação não é tão convincente como parece à primeira vista. E os termos "pura arte", "belo no horrível", indicam em Baudelaire menos admiração pelo sentido que pela forma de uma tal obra. Seria possível, além disso, opor a esse texto passagens bastante longas que, por pouco que se as leve ao pé da letra, fariam ver em Baudelaire um diletante do vício e um amador do escândalo. É assim que ele confessa a um de seus amigos, em seguida à publicação de *Fleurs du Mal*:

É preciso que eu lhe diga, a você que tanto quanto os outros não adivinhou, que nesse livro atroz coloquei todo meu coração, toda minha ternura, toda minha religião, todo o meu ódio? É verdade que escreverei o contrário, que vou jurar por todos os deuses que é

¹⁰⁵ *L'Art romantique. L'Oeuvre et la Vie d'Eugène Delacroix*, VII.

¹⁰⁶ *Ibid.*, *L'Art païen*.

¹⁰⁷ *Ibid.* *Pierre Dupont*.

¹⁰⁸ *L'Art romantique. Le Peintre de la Vie moderne*, XII.

um livro de pura arte, de macaquice, de malabarismo e mentirei como um arrancador de dentes.

E no entanto — admitindo-se que não se trate aqui de uma fanfarronice e, outra vez mais, de uma mistificação — uma tal citação não pode abalar os textos que anteriormente citamos, os quais datam muitas vezes de uma época em que nenhuma preocupação poderia obrigar Baudelaire a ter a prudência de disfarçar seus sentimentos. Mas vemos que se há catolicismo, ele foi singularmente flutuante e irresoluto, e talvez mesmo entrecortado por acessos de anticlericalismo. Não é uma doutrina religiosa que nos dará a razão suficiente de uma obra com tamanha unidade como *Fleurs du Mal*, mas — a despeito do subjetivismo involuntário que pode modificar por vezes sua aplicação — a doutrina da Arte pela Arte.

Além disso, essa própria doutrina, se bem que pareça puramente estética, tem mais relação com a religião do que geralmente se imagina. Sem dúvida, não se trata apenas de uma teoria literária, já que ela se exprime por frases como as seguintes: "A poesia não pode, sob pena de morte ou decadência, se assimilar à ciência ou à moral; ela não tem a verdade por objetivo, ela só tem a si própria".¹⁰⁹ "Se você quiser, poeta", diz ele, "se impor de antemão um objetivo moral, você diminuirá consideravelmente sua força poética."¹¹⁰ São asserções que além disso bastam para destruir a armação que se costuma montar para atribuir um desígnio moral à Baudelaire. Mas a Arte pela Arte assume uma significação religiosa ou ao menos moral, quando se declara que a visão da realidade afasta do vício toda alma sã: "Uma verdadeira obra de arte não tem necessidade de acusações. A lógica da obra basta para todas as postulações morais, e é ao leitor que cabe tirar as conclusões da conclusão".¹¹¹ Nesse sentido, e nesse sentido somente, é que faz sentido não excluir o catolicismo da obra de Baudelaire, pois, a despeito de suas hesitações quanto ao dogma ou do deleite por ele experimentado na imoralidade de certos quadros, sempre foi uma convicção sua a de que a representação do vício constitui um dos meios mais seguros para afastar do vício seus leitores:

O vício é seduz, é preciso pintá-lo como sedutor, mas ele arrasta consigo doenças e dores morais singulares; é preciso descrevê-las... Se o seu romance, se o seu drama for bem feito, ele não ensinará em ninguém a vontade de violar as leis da natureza.¹¹²

E essa teoria da Arte pela Arte, tomando-a pelo que tem de absoluto, não apresenta uma grande semelhança com o diletantismo de Sainte-Beuve? Arte pela Arte ou diletantismo, é tudo uma só coisa, as duas expressões significam igualmente a busca do belo pelo belo. Baudelaire suspeita que possa ser condenado como um monstro de depravação, mas não acredita fazer uma obra imoral, visto que seu livro corresponde às exigências da arte. Ele proclama sobretudo que o poeta não dê atenção alguma às entranhas dos seus temas, e se preocupe só com a forma. De certa forma é bem isso que Sainte-Beuve pensava, sobretudo no final da vida. É o motivo pelo qual esse juiz, tão severo quando se trata de faltas literárias, mostrava tanta indulgência pelas

¹⁰⁹ *L'Art romantique. Théophile Gautier*, III.

¹¹⁰ *Ibid. Réflexions sur mes Contemporains*, III.

¹¹¹ *L'Art romantique. Critica littéraire. Madame Bovary*, III.

¹¹² *L'Art romantique. Dramas e Romans honnêtes*.

corrupções morais; é o motivo pelo qual ele se esforça por penetrar nas mentalidades as mais diferentes a fim de extrair delas o sumo substancial; e, digamos igualmente, é um dos motivos pelos quais ele fora católico na juventude, buscando saborear tudo o que continha de delícias o misticismo dos devotos. Vemos também a semelhança dessa linha de conduta com aquela de Chateaubriand. Um se ligava ao catolicismo por causa das alegrias estéticas e sentimentais que aí encontrava; o outro, mesmo cultivando essa crença por causa das volúpias que ela proporciona, julgara bom não negligenciar os prazeres que se pode encontrar fora dela. Um terceiro, por fim, não vai se ligar senão à arte, e fará pouco de tudo que não busca realizar o Belo. — Ao longo do seu caminho, o romantismo se transforma, mas seu princípio resta idêntico e implica banir das obras de arte a fé cristã como inútil. Contra esse romantismo que por outro lado culmina em Baudelaire nas torpezas que se conhece, já era tempo que se visse manifestar essa reação cujos sintomas o próprio autor de *Fleurs du Mal* nos apresenta, e que tende a se libertar do otimismo convencional de Rousseau e de seu exclusivismo sentimental. O mundo inteiro estava cansado de uma irritação cuja continuação levaria às piores catástrofes, e o livro de Baudelaire é só o testemunho de um movimento muito mais vasto que ia encerrar o romantismo.